

BRASIL - PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1907

N.º 203

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14, 3.º
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

S. Sebastião apresentando a Christo a palma do martyrio



No palacio Palmella, em Cintra

Da Vida de S. Sebastião:

«É decorada a azulejos toda a capella de S. Sebastião, em Cintra, pertencente à sr.ª Duqueza de Palmella. Jorge Colaço, o talentoso artista, que na pintura do azulejo poz na mais alta evidencia o seu nome, foi encarregado pela sr.ª Duqueza de pintar nos azulejos da capella a vida de S. Sebastião. É o painel do altar que hoje illustra a primeira pagina do «Brasil-Portugal». É bello o assumpto como é bello o desenho e todo o primoroso trabalho do artista. Por sobre Roma, nas trevas da noite (o paganismo) um grupo de anjos leva o corpo do martyr para a luz dos céos (a religião de Christo). O martyr mostra ao Christo a palma do martyrio. Desvanecese o «Brasil-Portugal» de dar esta primour artistica que eleva por igual aquelle que a executou e a nobre dama que, por tantas formas, tantos serviços tem prestado á arte portugueza.»

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

No meio da nossa sociedade a sua graciosa figura, esbelta e radiante, destaca-se, como por encanto, n'uma harmoniosa distinção de linhas.
A sua phisionomia, alegre e risonha, é como que uma alvorada, toda graça e luz.
A sua conversação subtil, finamente espirituosa, tem o condão de nos mostrar da vida apenas o que ella encerra de claro e bom.



A sr.ª D. Beatriz Anjos Ferreira

Ao seu lado toda a tristeza parece vir morrer na graça estonteante do seu sorriso d'ouro

Assim ao verem-na atravessar uma sala, uma rua, todos os olhares se fixam, presos, na graça harmoniosa da sua figura, só comparavel á meiga claridade do seu amoroso e terno coração de mulher e mãe.

Vicentius.

A señorita Ortega

Qatorze primaveras ridentes cheias de promessas e de esperanças. Paço do Lumiar por sua mãe, filha de um diplomata, que Portugal ha muito considera e estima, a señorita Emilia Ortega junta á nobreza de familia qualidades pessoais, educação de espirito e primores de bondade, que lhe dão um logar áparte entre as meninas mais bem educadas n'uma sociedade elegante e culta.
Basta olhar para a phisionomia intelligente e sympathica d'esta criança, para a naturalidade do seu gesto, para a limpidez do seu olhar. Sente-se que esse corpo fragil encerra uma alta eleita e que esse olhar crystalino e leal reflecte do coração o que elle abriga de melhor de mais intimo e de mais delicado.

O retrato que ao lado publicamos confirma estas palavras e é mais eloquente de que todos os elogios que a penna podesse traçar.

EM FÓCO



Marquez de Castello Melhor

Bom *ganadero*, bom calção, bom gentil'homem. Raras pessoas haverá, sobretudo portuguezas, que mereçam tres vezes aquelle qualificativo. E, contudo, elle assenta como uma luva no sr. Marquez de Castello Melhor. Na arena do Campo Pequeno, na rua, em sua casa, ou nos salões do paço, entre as suas funções sportivas, ou no meio da mais profunda intimidade, o sr. Marquez de Castello Melhor conserva a linha inalteravel da velha fidalguia portugueza, tendo sempre o cuidado metucioso de não deixar afrouxar em lance algum a tradição do seu nome, os creditos da sua casa, a gerarchia dos seus ascendentes.
Por isso elle tem conseguido a cousa mais difficil de obter a quem occupa a sua categoria social: ser ao mesmo tempo estimado e respeitado.

MOCIDADE



A filha dos srs. Barões de Ortega

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXIX

Curando por informações. — O que foi a última quinzena — Desorientação e pavor. — Duas noites tragicas. — Sangue e lagrimas. — O contraste. — A nossa policia. — A sua feição comica subsiste mesmo nas occasiões mais graves. — Um pobre homem que é obrigado a beber uma infusão para bochechos. — Um manifestante de 11 annos. — Missas pelo eterno descanso do governo. — Noite de S. João. — O que ella é entre nós. — O que ella é no Norte. — Digressão com o amigo lisboeta pelo paraizo minhoto.

Como hei de relatar-lhe com precisão, querido leitor, os acontecimentos da ultima quinzena, se d'elles não tive conhecimento não direi já directo, mas ao menos, como se diz na Boa-Hora, «por ter ouvido dizer?»

Eu, como toda a gente ajuizada, não saio de casa n'estes tempos calamitosos. Tudo, absolutamente tudo, o que chega ao conhecimento das pessoas cantas n'esta época de desordem geral, é transmitido pela letra redonda dos jornaes — dos jornaes aos quaes é permit-

VIDA ELEGANTE — Um casamento



Os noivos: a sr.^a D. Fernanda Barbosa Graça e Alfredo Felício (S. Mamede)

tido piar — e n'um tal tumulto de informação que bem denuncia o recio da imprensa de comprometter-se e a desorientação que vae pelos espiritos de todos, os que operam os factos e os que os relatam.

Aquelle vento de insanía que preoccupava o douto conselheiro Accacio do *Primo Basilio*, varre as cabeças d'outros conselheiros... infelizmente não Accacios. A desordem é geral e o pavor tambem. A dictadura não só não garante a integridade das costellas dos cidadãos, como até parece disposta a saber, por intermedio da policia e da guarda municipal, que são peritas no assumpto, se qualquer de nós ainda tem alguma inteira...

Ha dias que os jornaes veem peçados de gravuras representando desgraçados com as cabeças ligadas, olhos cerrados, n'uma prostração.

Passemos adeante. Mas não tão rapidamente que não consigamos uma nota curiosa e comica resaltando n'esse fundo de tragedia. E' a seguinte, authentica, narrada pelo sr. Sebastião dos Santos e Silva, pessoa digna de credito, e que põe bem em relevo a capacidade da nossa policia, que não tem talvez rival no mundo... civilisado.

Pelas onze horas e meia da noite de 19, atravessava o sr. Santos Silva o Rocio, quando proximo da estatua do dadôr, dois policias lhe interceptaram o passo, interrogando-o sobre o seu destino. Emquanto respondia ao que um perguntava, outro, com a semcerimonia que caracteriza os agentes da ordem, entre nós, apalpava-o. Notando qualquer coisa volumosa na algibeira interior do casaco, e suspeitando ser um revólver, obrigou o sr. Silva a mostrar-lhe o que a algibeira continha.

Puxando uma garrafa contendo chá de alteia e linhaça, que usa para bochechos por motivo de inflamação nas gengivas, o sr. Silva mostrou-lh'a.

— O que leva ali? interrogou o policia.

— Agua de linhaça e alteia.

— E' algum explosivo?

— Não, sr. E' para tratamento da boeca.

— Ah, é?! Então beba lá uma pinga.

— Mas isto não é para beber, é para bochechar.

— Não quero cá saber d'isso; beba!

— O sr. Silva levou a garrafa á boeca e ingeriu um gole para tranquilisar a auctoridade. Mas como esta não notasse differença na quantidade de liquido, depois de a ter observado á luz de um candieiro, obrigou a pobre creatura a beber todo o conteúdo da garrafa, sob pena de o levar preso.

E o infeliz teve que tragar a horrorosa triaga.

Ora agora imaginem que o pobre homem levava benzina ou aguaz para tirar nodos. E' claro que não bebia. E é clarissimo que ia preso por ser portador de explosivos. E é mais evidente ainda que não precisava de outro passaporte para viajar até Timor.

Outra:

Está preso e incommunicavel em Torres Novas um facinora de 11 annos de nome Guilherme Gomes, apanhado a atirar batatas ao comboio em que regressava do Porto o sr. presidente do conselho.

Dado o espirito de economia do governo, não se sabe se o pequeno está preso por desacatar o sr. João Franco — ou por desperdiçar as batatas.

Ainda outra, que destaco do noticiario do *Mundo*, d'aquelle *Mundo* que já não é d'este:

Algumas senhoras, pesarosas com os ultimos acontecimentos, e receosas de que possa succeder, prometteram mandar dizer missas, caso o governo franquista seja immediatamente demittido.

Em vista d'isto é de prever que a estas horas as missas tenham sido... dissolvidas.

Noite de S. João...

Aqui, em Lisboa, pff... — uma sensaboria. Sempre a mesma coisa, que é coisa nenhuma. O Baptista, aqui, não é conhecido. O sul não conhece Baptista — a não ser o de Setubal. Santo Antonio, sim! Santo Antonio era de Lisboa e filho de muito boa familia. Elegante, bem-falante, muito amado... Foi o Garrett do seu tempo. Muita importancia, a sua palavra era sempre ouvida em religioso silencio. Sabe-se do prestigio d'elle até nos peixes.

Ainda hoje, apesar de todos os pezares, Santo Antonio seria a unica pessoa capaz de conter a guarda municipal — fallando ao peixe-espada. Se o sr. João Franco tem regressado a Lisboa cinco dias antes, isto é, se em vez de chegar a 18 chega a 13, outro gallo nos teria cantado. Assim cantam-nos capoeiras inteiras nas cabeças, tal a quantidade de galos, que os sabres da guarda pretoriana abriam n'ellas.

Mas se se fôr ao Norte, ao Minho, ver-se-ha como clero, nobreza e povo celebram a festa do lindo Baptista, o doce amigo das moças.

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,
Viva o rancho das mulheiras solteiras!

Em Braga, em Ponte do Lima, em Villa do Conde... Mas em Braga! Em S. João da Ponte! Ah, meus amigos, que encanto, que delicioso espectáculo! Quanta luz, quanta harmonia, quanta côr! Que alegria, que mocidade, que ventura jorram dos olhos pretos e das boccas deliciosas d'essas cachopas, um tudo-nada morenas, com cabellos da côr da noite, com tão lindas ancas e tão altos seios, que tu, lisboeta amigo, meu lambisgoia chupado e de espinhela cahida, se as visses, vinhas de lá doido — se é que chegasses a regressar.

Tu fazes lá ideia d'essas maravilhosas mulheres do Minho com o seu lenço de seda atado na nuca, duas enormes arrecadas nas orelhas côr de rosa, um grande coração d'ouro pendente sobre o alto peito, que arfa á palpação de outro coração de melhor oiro ainda! Tu podes, porventura, imaginar como são galantes dentro da sua jaqueta curta e cor-



(Cliché de A. C. Lima).

Vida elegante

O pac da noiva, major Joaquim Lobo d'Avila da Graça com a sr.^a Condessa de Burnay

rida, debruada a pelles, com a sua saia de crepe com barra de velludo, curtiua, deixando ver o pé calçado n'uma chinellinha de polimento peapontada e um principio de perna em meia branca, uma d'estas coisas que...

... Deus te livrasse, morrias! Morrias sem ter sequer tempo de a uma d'ellas fazer um annuncio no *Diario Illustrado*! Morrias pela certa ao som dos descantes:

Não é nada, não é nada, não é nada,
E' S. João a comer pescada!

Mas não, eu não te deixaria morrer. Chegava-te aos beijos descorados uma caneca de verdaço espumante e logo te reanimarias. E uma frigideira, para desenfatiars da favarica. Pois então! E mais tarde, quando o sol nascesse e no ar morressem os ultimos descantes, tão lindos na sua ingenua simplicidade, sentir-te-ias viver como nunca, pasmado ante essa maravilhosa paysagem que não tem equal, ante essa vegetação pujante erguida como uma prece de gratidão para o ceu azul sem macula, onde deve estar Deus, que esse religioso povo adora com a crença dos simples, dos ignorantes e dos bons!

E tu que conheces a poesia dos livros e a paysagem das gravuras, chorarias duas lagrimas mais grossas que os teus pulsos de tycico, commovido com esse esplendor que é apenas um curto trecho da tua maravilhosa terra, d'esta terra que desdenhas, como um ignorante e um perverso que és, a linda terra de Portugal que — ai d'ella! ai de nós! — bem digna era de melhor sorte!

CAMARA LIMA.

Nem contigo nem sem ti

Anjo! Que estranho castigo
Com que Deus me pune aqui!
Não posso viver contigo
Nem posso viver sem ti!

Contigo? — se és sempre fria
A's chamas do meu amor!
Sem ti? — se tenho o meu dia
Dos teus olhos no fulgor!

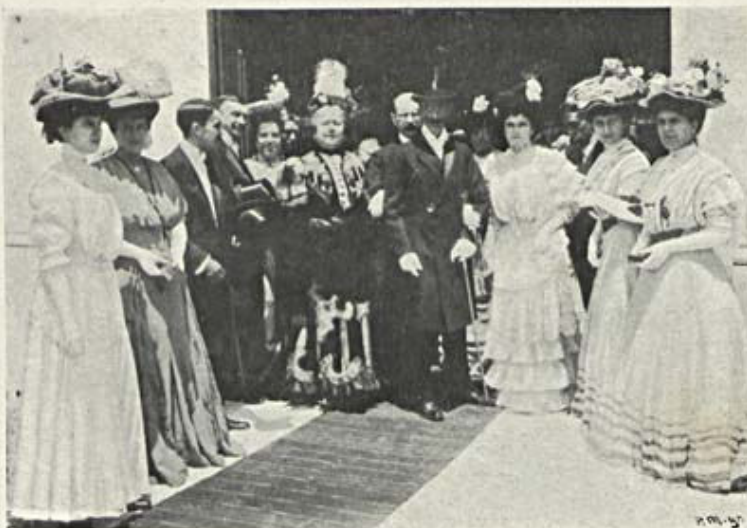
Por isso, ó anjo, maldigo
A má hora em que te vi!
Nem posso viver contigo
Nem posso viver sem ti!

João de Lemos.

Conto de uma avósinha a seus netinhos

Cansados de brincar, o Pedrinho e Joanninha vieram sentar-se em dois tamborettes do salão, aos pés da boa vovó, no canto da chaminé de marmore, onde chammejavam aças. Era dia de Anno Bom.

Emquanto os papás e as mãs conversavam, á espera do jantar,



(Clichés de A. C. Lima).

Vida elegante

Alguns dos convidados. Ao centro o cunhado do novo Carlos Nunes Teixeira com a mãe da noiva a sr.^{as} D. Maria Luíza Graça

alegres, felizes, de estar ali reunidos, como todos os annos, na casa dos velhinhos, as creanças traquinavam, perto da avó, roçando-lhe, com as lindas cabecitas loiras, a rica saia de seda. Uma pergunta inevitavel, afinal escapara-lhes dos labios.

— Vovósinha, uma historia.

E, essa tarde, sem se fazer rogar, a vovó, meio a sonhar, começára:

«Era uma vez uma menina chamada Noemia. Não tinha paes e vivia em casa de uma velha tia, pobre e severa.

Estava-se n'um dia de Anno-Bom, como hoje. A pequenita recebera de festas apenas duas laranjas e, triste, da janella, via passar as outras crianças felizes, apertando debaixo dos bracinhos lindos briquedos que haviam ganho. Pensava Noemia, que ella quizera ter recebido todas aquellas encantadoras coisas e, de encontro ao coração angustia-



Vida elegante

Alguns dos convidados. Ao centro as sr.^{as} Marquês de Tancos e Condessa de Burnay com o Conde de Burnay e o pai da noiva

do, apertava as duas laranjas que lhe pareciam magnificas como dois fructos de ouro. Guardou-as preciosamente, sem as comer e, á noite, ao deitar, logo que a titia sahio do quarto, occultou as debaixo do travesseiro.

Foi essa talvez a causa do seu sonho.

Viu-se só no meio de uma larga estrada, comprida, muito comprida. . . Era de noite. O vento gemia nas arvores que havia de um lado e d'outro. Apavorada, ella seguia sempre, como se uma força invencivel a empurrasse.

Chegou assim á entrada d'uma floresta e por ella enveredou, apesar do grande medo que a fazia tremer. A escuridão ali era mais temerosa e Noemia sentia bater os dentes, eriçarem-se-lhe os cabellos. De repente descobriu uma luzinha.

— E' sem duvida algum lenhador que véla na sua choupana.

Alegre, confiante, aproximou-se. Escapavam-se pelas fendas alguns raios de luz. Discretamente, ella bateu. A porta abriu-se logo e Noemia estacou na soleira, estupefacta.

Uma festa esplendida appareceu-lhe ante os olhos deslumbrados. O interior da cabana parecia um palacio. As fadas e os genios da floresta estavam reunidos para celebrar o nascimento do anno-novo. Tinham enfeitado a cabana com um gosto maravilhoso.

Como nada é impossivel aos genios e ás fadas, viam-se ali, abertas, flôres de todas as estações. Lyrios sacudiam seus pingentes brancos, entre a concha azul desmaiado das campanulas, formando graciosos festões. O visco formava tufoes verdes, pintalgados de perolas brancas. As anemomas pendiam as cabeças pallidas sobre as bagas escarlates dos azevinhos de folhas lustrosas. As primaveras e as violetas espalhavam discretamente um perfume subtil, que subia até ás moitas enormes das giestas que agitavam alegremente seus botões de ouro, acima da copa florida do matagal. E por aqui, por além, os satyriões mosqueados da floresta, o delicado jacintho-malva, e mil outras flores ainda, sorriam, expandiam-se.

Não havia outros lustres, além das innumerables lanternas de vidros polidos e luzes esverdeadas, espalhadas por toda a parte. A orchestra, preparada para o baile e que preludiava atraz de um massiço de espinheiros em flôr, era composta dos mais diversos passaros: o rouxinol estridulava gorgeios, recheiados de trillos agudos; a toutinegra acompanhava surdamente; o cuco assobiava, de quando em quando, suas duas notas soltas. Nada mais agradável de ouvir. Finalmente, sobre moitas de relva, perto de uma pedra musgosa que um regato ladeava, dispostos sobre folhas de todos os feitios, de todas as côres, os fructos das florestas, mostravam-se como bolas, doces e confeitos n'uma montra. Viam-se ali nozes escuras, damascos e nesperas macias, abrunhos engelhados pela

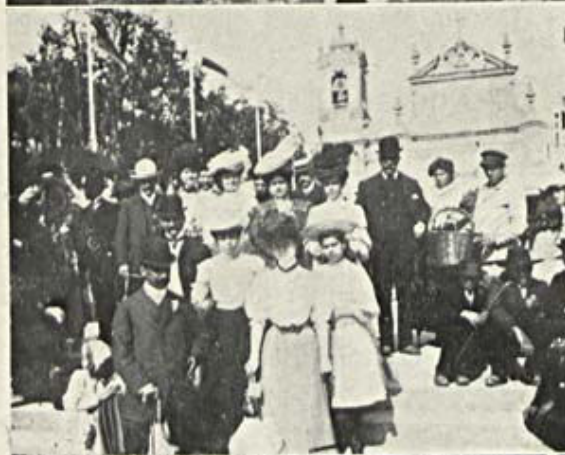
Festas populares do norte



Aspectos da romaria do Senhor da Pedra

(1907)

Festas populares do norte



Aspectos da romaria
do

Senhor de Mattosinhos

1907

(Clichés de Aurelio da Paz dos Reis — Porto.)

neve, ameixas maduras, cerejas escarlates, e sobre tudo, esses pequeninos morangos perfumados, que se occultam sob aservas. N'uma velha casa d'arvores, via-se mesmo um pouco de mel que as abelhas haviam abandonado.

A rainha das fadas, esplendidamente vestida, adiantou-se para Noemia e perguntou, docemente:

— Quem és?

— Sou uma pobre caminhante que se perdeu na estrada — disse ella. Estive para morrer de medo na floresta e, afinal, vim bater á porta d'esta cabana, cuja luz avistei.

— Entra — disse a rainha — e sê benvinda. Eu sabia quem eras, porque as fadas sabem tudo. Vem festejar connosco o anno-novo e guarda preciosamente as duas laranjas que recebeste. Quero que mais tarde ellas se tornem, para ti, um thesouro inestimavel, immenso.

Depois, tocando-a com a sua varinha, transfigurou-a. Misturada á multidão de fadas e de genios, vindos para o baile fantastico, de todos os cantos do bosque enorme, Noemia divertiu-se toda a noite, até ao momento em que, sacudindo o orvalho das folhas, os passaros voam para o ceu, enquanto a aurora soergue as primeiras franjas do seu manto doirado.

Então, tudo desapareceu e Noemia achou-se, com grande decepção, no seu quarto, em casa da sua tia... Mas, de repente, sentiu perto de si os dois pequeninos pomos de ouro... Lembrando-se das palavras da fada, a alegria voltou-lhe ao coração...

N'esse momento, a porta do salão abriu-se e a creada annunciou que o jantar estava prompto. A avózinha fez um movimento para se levantar, mas os netinhos detiveram-na, perguntando, interessados:

— Que aconteceu depois á Noemia? Em que se tornaram as suas laranjas?

E a vóvó, curvando-se para os netinhos, disse-lhes, baixinho:

— Tornaram-se duas queridas e lindas cabecinhas que eu estou beijando... Haverá thesouro mais precioso.

— Mas então... a menina eras tu? disse Joanninha surprehendida.

A avózinha não respondeu... um pouco surda, ou um pouco comovida, não sei. Seus olhos brilhavam molhados... E as duas creanças, agarradas á sua rica saia de seda lá foram, para a sala de jantar, toda illuminada, perguntando-se, admiradas, como é que ha, sobre a terra creanças infelizes, sem casa onde a doce chamma vermelha de umas achas grossas que as aqueça...

GEORGES PICARD.

A alma

Mysterios da Alma! Quem os sonda? Quem?
Aonde existe força que os desvende?
Mas desvendai-os como, se a Alma ascende
O mysterio do espaço que a contem?

Aonde é que ella habita, e donde vem
O Quid que dentro em nós a agita e prende,
Não o sabe o olhar do homem que se estende
Ao coração de chammas que o sol tem!

Elle procura-a sem a comprehender
Mas sempre em vão, o seu mysterio... vence-o,
Faz-se sentir, mas não se deixa ver!...

E o homem, que fende espaços e hemispherios,
Impotente se queda ante o silencio
Do mysterio sublime dos mysterios!

Junho 6-1907

Manoel Rosa.

As linguas do globo segundo a opinião dos arabes

Dizem os arabes que todas as linguas do globo se reduzem a tres que são — o arabe, o persa e o turco. Affirmam que todas tres se usaram, ao mesmo tempo, no Paraizo terrestre!

A serpente que seduziu os nossos primeiros paes (leia-se Adão e Eva) fallava arabe, lingua eloquente, forte, persuasiva, lingua que será ainda um dia a lingua do Paraizo.

Adão e Eva fallavam persa, idioma doce, acariciador, insinuante, que deu grandes vantagens a Eva, como se sabe.

O anjo Gabriel, que os expulsou do Paraizo, foi obrigado a fallar turco, porque tendo-lhes intimado a sahida, primeiro em persa depois em arabe, sem resultado, teve afinal de se exprimir n'essa lingua dura e ameaçadora que os assustou e os constrangeu a obedecer.

Esta tradição está consagrada por um proverbio persa, cuja traducção litteral é a seguinte:

«O turco é honra, o persa é assucar e o arabe é sciencia.»

NOTAS DE SPORT — Nos terrenos do Conde de Font'Alva



Um grupo de amazonas e cavalleiros

Politica internacional

Dissemos na nossa ultima chronica, que a situação actual da França é de molde a causar justificadas inquietações a todos os amigos da grande nação latina, e os acontecimentos d'esta semana vieram inteiramente confirmar as nossas previsões. Póde dizer-se que o sul da França está em plena revolução, e ninguém é capaz de afirmar até onde a agitação se estenderá. De principio o protesto dos vinicultores manteve-se correcto e ordeiro. Mas por fim descambou em um movimento revolucionario, chegando-se a gravissimas vias de facto e tendo resultado já mortos da collisão do povo com a força publica.

Para ainda complicar a situação e tornar a mais cheia de perigos um batalhão passou-se para os revoltosos, abandonando o quartel e desertando com armas e munições. Verdade seja que as noticias da ultima hora dão os soldados como tendo-se submettido; mas nem por isso a gravidade do facto terá desaparecido, sobretudo se se filiar este inesperado incidente na propaganda herveísta, que ha muito se está fazendo no exercito.

Tudo faz suppôr que o sr. Clemenceau tem força bastante para dominar a revolta, e que para isso será eficazmente apoiado pela camara. Mesmo, porém, que a revolta seja suffocada, ficará um triste fermento de futuras agitações para se juntar aos tantos que já existem e que tão difficil estão tornando a situação dos governos da republica.

A presente questão affigura-se tanto mais perigosa, quanto é certo que a razão do descontentamento das populações do sul não é politica mas social ou antes economica.

Se o motivo do descontentamento fosse politico facilmente poderia apasiguar-se com uma simples mudança de ministerio. Mas sendo a causa das perturbações economica, não é facil de um dia para o outro removela, se attendermos sobretudo a que a modificação das condições, que produziram o presente estado de cousas, não depende em grande parte da acção do governo. A crise vini-

cola, que n'este momento faz levantar as populações do sul da França, é idêntica á que mais ou menos existe em todos os paizes vinhateiros, em Portugal por exemplo.

Por um lado o excesso de produção, occasionado pelo incon-

Notas de Sport — Nos terrenos do Conde de Font'Alva
O professor d'equitação João Gagliardi e sua esposa

siderado afan com que se augmentaram as plantações, por outro o apparecimento no mercado mundial de novos concorrentes. A America, a Australia, a Argelia e a Africa do Sul, até ainda não ha

Notas de Sport — Nos terrenos do Conde de Font'Alva
O «break» do Conde da Serra da Torre-a conduzindo a sr.^a Condesa, a sr.^a Viscondessa de Olivá e outra senhora

Notas de Sport — Nos terrenos do Conde de Font'Alva

O carro de caça de Joaquim da Cunha Sotto Mayor conduzindo sua filha madame Sotto Mayor de Castello Branco, ma Jemaiselle Casal Ribeiro de Carvalho e outra senhora.
No estribo: o Conde de Font'Alva
(Clickés de A. C. Lima).

muito apenas consumidoras, apresentam-se por seu turno como productoras, contribuindo assim para que sensivelmente diminua a quota parte que a cada uma das antigas regiões vinicolas cabia na procura universal. E ainda para accrescentar a estes dois poderosos motivos do decrescimento da venda dos vinhos francezes, a entrada em scena de alguns succedaneos como o absyntho e a cerveja, e a diminuição promovida pela propaganda contra o alcoolismo, que se reflecte tambem no consumo do vinho.

Que culpa tem o governo d'este estado de cousas, que elle não creou, e em que apenas muito indirectamente póde influir? A unica responsabilidade do gabinete francez em toda esta questão foi não ter dado, no momento opportuno, satisfação apparente ás reclamações das populações do sul, apresentando ao parlamento o projecto de lei sobre as falsificações, em que os viticultores insistem. Devia ter tomado a dianteira ao movimento e não haver despedido a seu tempo as ameaças que lhe foram feitas sob a fórma de um ultimatum.

Não julgou que as ameaças se traduzissem em factos. D'ahi o seu erro, e a situação delicada em que se collocou e ao proprio parlamento.

Não ha duvida que os partidos reaccionarios já principiaram a especular com o incidente, se desde o principio não contribuíram para lhe dar o aspecto grave que elle assumiu. A este respeito não ha duvidas, como tambem as não póde haver de que o ministerio, não obstante a victoria parlamentar que acaba de alcançar, tem os seus dias contados

NOTAS DE SPORT—Regata em Azambuja



Promovida pelo Real Club Naval

A fatalidade tem perseguido o sr. Clemenceau e não ha difficuldade que se não levante diante da sua obra reformadora.

De novo a situação politica da Russia se aggravou com a violenta dissolução da Duma, que ha muito estava annunciada, embora geralmente n'ella se não acreditasse, chegando mesmo tal boato a ser officiosamente desmentido. Afinal viu-se que os que sustentavam estar imminente a dissolução eram os bem informados. Os outros eram simplesmente os ingenuos, que ainda acreditavam na sinceridade do governo, julgando que elle podia colaborar sem pensamento reservado com os representantes da nação.

E no entretanto não faltavam as indicações, que deviam abrir os olhos até aos mais confiados. A celebre carta do jurisconsulto Martens, tão fóra de proposito aparentemente, publicada no *Times*, vê-se agora que era o aviso intencional dado á Europa do que ia fazer-se. A dissolução da segunda Duma estava planeada de ha muito, pôde dizer-se desde que foi eleita. O pretexto encontrado á ultima hora foi a hesitação, aliás perfeitamente justificada, da Duma em entregar ao governo os cincoenta e cinco deputados da extrema esquerda accusados de uma supposta conspiração contra o tsar para o estabelecimento da republica na Russia.

Para se vêr como esta razão não passava de pretexto futil para colorir o acto violento que a todo o custo se pretendia consummar, basta attentar na circumstancia de que o governo nem sequer esperou pela deliberação da assembleia a respeito do pedido da entrega dos deputados. Tinha-se nomeado uma commissão para estudar o assumpto e essa commissão ainda não havia apresentado o seu parecer!

A pressa em dissolver a Duma era tanta, que parece se recebeu que a maioria se prestasse a satisfazer os desejos do governo, perdendo-se assim o pretexto para a dissolução.

A dissolução da segunda Duma, além de ser violenta, é completamente injustificada. Nenhuma das accusações que se levantaram contra a sua predecessora a podem attingir. Nem discursos incendiarios, nem obstruccionismo systematico. Se nas primeiras sessões a extrema esquerda pareceu predominar, ultimamente os cadetes tinham conseguido formar o nucleo de uma maioria, que por mais de uma vez se entendeu com o governo e o cobriu com



Notas de Sport

Regata em Azambuja promovida pelo Real Club Naval

(Clichés de A. C. Lima).

as suas votações. Todos esperavam até, e com bem fundadas razões, que a Duma se converteria n'um importante elemento de pacificação e que principiará a colaborar eficazmente com o governo para regeneração da Russia. Porque foi então ella dissolvida? Evidentemente por essa mesma moderação, que agora estava mostrando. Os reaccionarios russos não receiavam uma Duma tumultuaria e intransigente, porque de uma assembleia assim sabiam elles libertar-se quando lhes aprouvesse. Demais nos proprios excessos e violencias, a que ella se entregasse, estaria o correctivo indispensavel para que o *statu quo* não fosse sensivelmente affectado. Pelo contrario de uma Duma moderada, embora liberal, disposta a transigir no que fosse indispensavel para chegar ao fim desejado, havia tudo a receiar, porque fatalmente deante de tal adversario teria de succumbir a autocracia. Foi por isso que o governo se apressou com o decreto de dissolução, antes que a attitude dos deputados lhe fizesse por acaso mallograr o intento.

O golpe estava planeado de longa data, e tudo se achava preparado, como o prova a publicação immediata da nova lei eleitoral, em que o direito do voto é arbitrariamente restringido e modificada a propria constituição da assembleia.

Quer dizer, a autocracia que pela pressão revolucionaria da opinião publica se viu forçada a fazer as concessões do celebre *ukaze* de 30 de outubro, lança hoje mão de todos os meios para inutilisar o alcance das medidas que então promulgou. E' a contra-revolução a afirmar-se sem reboço, mascarando-se apenas por ora com os ultimos farrapos d'esse constitucionalismo prometido n'uma hora de angustia, mas que por uma restricção mental, hoje evidente, foi desde logo condemnado a ser estrangulado á nascença.

Que consequencias vae ter para a Russia a dissolução da segunda Duma? Um novo recrudescimento do terrorismo, visto que é esta a fórmula que reveste no actual momento a revolução mos-



Notas de Sport

Regata em Azambuja promovida pelo Real Club Naval

covita. A Duma representava o traço de união entre a nação e o governo. Supprimida ella vão novamente achar-se em presença as duas forças antagonicas, sem anteparo algum que lhes amortença o choque.

De cima vão recommençar os processos summarios e as execuções em massa mesmo sem processo. De baixo vae outra vez principiar a caça aos burocratas e ás personalidades mais em evidencia da autocracia. E' uma terrivel perspectiva, que se tornou inevitavel depois da dissolução do parlamento. Não ha duvida alguma, e os numeros podem bem attestal-o, que enquanto a Duma funcionou os crimes politicos diminuíram. Mais ainda, a percentagem reduzia-se consideravelmente todas as vezes que uma esperanza qualquer de conciliação luzia no horizonte politico.

Com o acto brutal e injustificado da dissolução volta-se aos dias nefastos dos attentados, em que a ultima palavra vae caber á dynamite e ao punhal, os dois funebres executores da justiça popular. E tudo para que? Para fazer voltar a Russia ao que era ha cinco annos? Impossivel! Para que isso podesse ser, era necessario que não tivesse existido a grande tragedia da guerra com o Japão; era necessario que não se houvesse desencadeado essa revolução que ha tres annos, embora com peripecias varias, alliuo os alicerces da autocracia. Hoje na Russia pôde matar-se, pôde deportar-se, pôde pôr-se tudo a ferro e a fogo. Sómente não se pôde voltar para atraz.

O que não se comprehende nos ultimos successos é o papel que representa Stolypin. Parece e elle proprio o tinha affirmado, que a sua missão era conciliar a Duma com o throno e pacificar a nação. Ia, conforme as apparencias, em bom caminho para essa solução. De repente com um traço de penna destróe ou consente que se destrúa a sua obra, que era ao mesmo tempo a sua justificação no poder! Como se explica semelhante procedimento, que importa para o primeiro ministro um verdadeiro suicidio politico? Misterio por agora, que só os factos posteriores esclarecerão.

CONSIGLIERI PEDROSO.

EXPOSIÇÃO DE SOLIPEDES

E

Concurso hyppico na Tapada da Ajuda

Publica hoje o *Brasil-Portugal* alguns clichés da exposição de solípedes, ha tempo inaugurada officialmente com a assistência de El-Rei, e do concurso hyppico que se está disputando na Tapada da Ajuda—assumptos estes que não devem merecer só a attenção d'aquelles que se dedicam ao sport do cavallo, mas a de todos que verdadeiramente se interessam pelos progressos do nosso paiz.

Ligada a este concurso e a outros do mesmo genero que já se teem realizado anda uma idéa altamente patriótica, qual é a do fomento e apuramento das raças cavallares entre nós.

Para que se veja a importancia d'este assumpto e possam bem

territorio, apossando-se dos caminhos de ferro, obstruindo as communicações naturaes, destruindo os telegraphos, antes de termos tempo nem possibilidade de nos prepararmos convenientemente para a lucta.

São a cavallaria e a artilharia que preparam e iniciam as batalhas, ás vezes a dois e mais dias de distancia do grosso do exercito, permittindo a mobilisação e preparação das forças, atraz das suas rédes compactas; — pois nós, nas circumstancias actuaes, privados de gado para a cavallaria e para a artilharia, podiamos ter o mais acceso desejo de oppôr um dique ao inimigo, podiamos ter os melhores soldados, o melhor armamento, as melhores condições de resistencia, — e haviamos de succumbir, desde que nos faltasse o principal elemento para dar a duas armas tão importantes, á cavallaria principalmente, o papel que lhe incumbe!

Nos 1241 cavallos que para a cavallaria se compraram nos annos de 1887, 1888 e 1889, 607 eram hespanhoes, 252 portuguezes e 382 de origem duvidosa. Ora convem notar que muitos dos que são dados por portuguezes, por ser muito difficil descobrir-lhes a primitiva origem, são poldros hespanhoes creados em Portugal, e muito peor acontece com os de origem duvidosa.

N'estas condições, perguntamos, pôde subsistir o estado de cou-

Exposição de solípedes e concurso hyppico na Tapada da Ajuda



(Cliché de A. C. Lima.)

Exposição de solípedes na Tapada da Ajuda — Egua «Fly» do sr. Alfredo Hansen

avaliar-se as consequencias de não produzir o paiz os cavallos necessarios para a vida social e para a defesa do nosso territorio, vamos transcrever alguns periodos da *Historia da Cavallaria Portuguesa*, nos quaes se trata do caso, encarado especialmente debaixo do ponto de vista militar, que é o que mais interessa áquelles que amam a sua patria.

«O cavallo é a arma principal da cavallaria;—a cavallaria é uma função da produção cavallar do paiz.

Estes dois axiomas devem levar toda a nação, que pretenda ter um exercito bem organizado, onde a cavallaria tenha o grande papel que hoje lhe incumbe, a olhar com a maxima attenção para a questão da remonta do exercito, nas condições de satisfazer ás necessidades agricolas, commerciaes e militares do paiz. Para Portugal é este um problema da maxima importancia, pelas circumstancias especiaes da posição em que se acha.

Ligado geographicamente a um paiz que representa, não de certo o seu inimigo, mas o seu rival natural, acha-se na condição singular de ser d'esse paiz que recebe os cavallos com que provê a sua cavallaria! No caso de guerra com aquelle paiz ou com algum outro que d'elle obtenha as boas graças, encontraríamos, por um lado, cerradas as fronteiras e, por outro lado, — dada a necessaria vigilancia da armada inimiga nas nossas costas maritimas —, fechadas as portas do mar á introdução de cavallos estrangeiros. A apropriação pelo exercito dos cavallos existentes no paiz não daria tudo o que necessitassemos, e ficaríamos portanto á mercê do inimigo e das incursões da sua cavallaria, que rapidamente invadiria o nosso

territorio, apossando-se dos caminhos de ferro, obstruindo as communicações naturaes, destruindo os telegraphos, antes de termos tempo nem possibilidade de nos prepararmos convenientemente para a lucta.

Commercialmente, representa uma somma importante, que todos os annos vae fecundar o commercio e a agricultura do reino visinho; militarmente é uma servidão absoluta, n'uma questão capital para a organização militar do paiz, a uma nação com quem temos tido muitas vezes que luctar.»

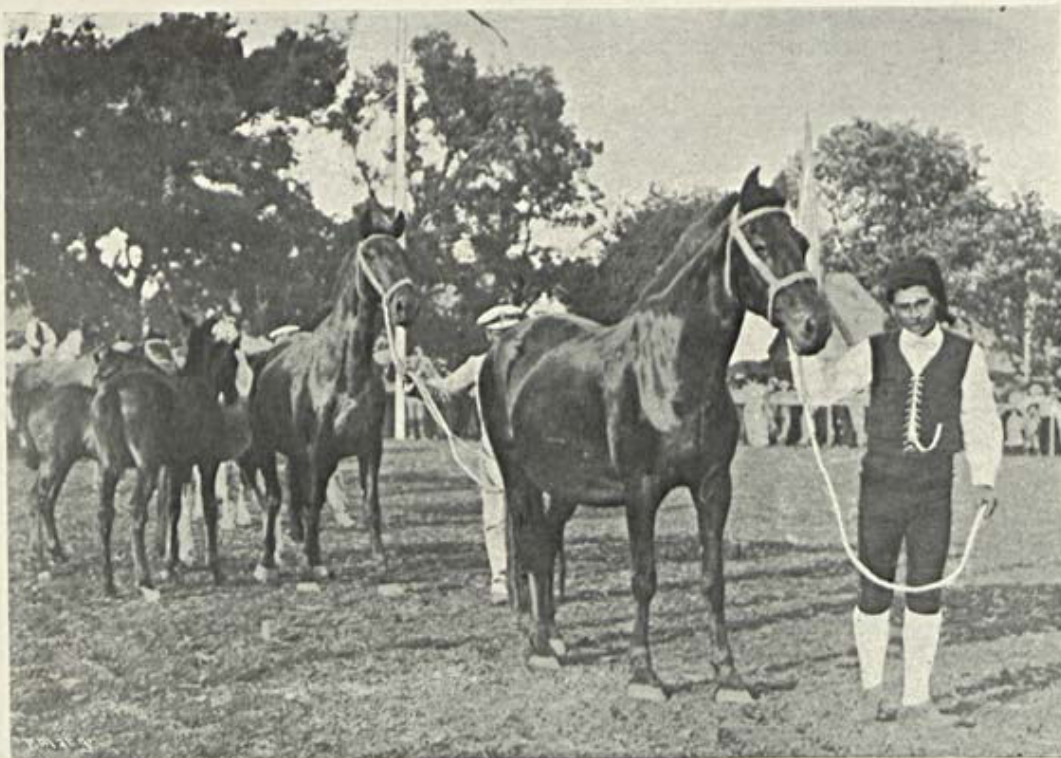
Nada mais é preciso acrescentar ao que fica escripto nem é preciso encargar o problema debaixo d'outros pontos de vista, para se avaliar a utilidade do actual concurso hyppico.

Tudo quanto entre nós se faça no sentido de desenvolver e aperfeiçoar a produção cavallar é uma obra meritoria e patriótica, devendo destacar-se entre os nomes d'aquelles que se teem dedicado a este assumpto o do sr. conde de Fontalva, de cujas festas nos temos occupado e nos occupamos ainda dando alguns clichés.

Um amigo de Calino foi encontrá-lo a fazer em cavacos um thermometro.

— Para que diabo quebras tu esse instrumento?

— Para acabar d'uma vez com elle! O patife, todos os dias, o que fazia era subir, subir! agora sempre quero vêr se o calor continúa.



Exposição de solipedes na Tapada da Ajuda — Poldros de 3 annos do sr. Palha Blanco

O ANTONIO

Sua vantagem hão de ter as trapeiras. Para alguma coisa lhe havia de servir todas as tardes esfalfar-se n'aquelles onze lanços de escada, até aos telhados, por cima do quinto andar. Que pedaço de céu avistava, cravejado no azul escuro por tantos mil brilhantes!

Estrellas amigas, conhecia-as desde muito novo. Agora velho, davam-lhe saudades. Mas ainda lhe era prazer olhar para ellas e o melhor que lhe consentia sua pobreza.

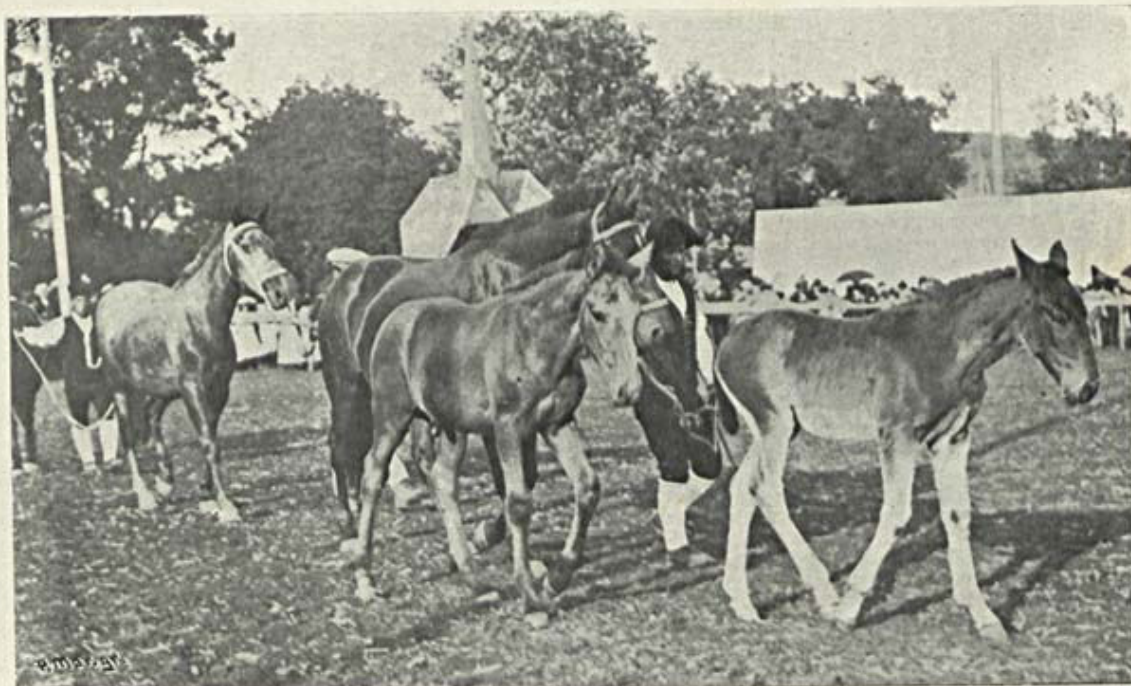
Era mania sua desde havia muito, desde que viera da aldeia para Lisboa tratar da vida, que tão mal lhe correria. Não conhecia ninguem amigo, e, quando tinha de queixar-se, eram as estrellas que lhe ouviam as meguas. Não lhe respondiam; mas elle, ás vezes,

punha-se a imaginar que o orvalho da noite era das lagrimas dos astros, e já isso o consolava.

Conhecia todos os recantos do céu para aquelle lado, de verão e de inverno. Uma noite muito quente, ficou-se á janella até de madrugada com saudades do set'estrello. Conhecia todas as estrellas duplas e as que são como botões d'oiro e o agoiravam para bem e outras côr de sangue que pareciam dizer lhe não se mettesse em luctas.

Seguia os planetas em suas evoluções e sentia saudades quando os via desaparecer. Nunca nos rubores do poente avistára Mercurio, por mais que o procurasse, e era um dos pezares de sua vida. Passava horas de binoculo assestado para Jupiter gigante e para Saturno de grande anel. Sua maior ambição era ir um dia ao observatorio da Tapada. Quando Venus, ao cahir da noite, desapparecia, dava-lhe o homem as boas noites, e, quando a via luzir de manhã, os bons dias.

Olhou demais para as estrellas. Confessava-o ás vezes com um sorriso triste. Olhou demais para o céu, e, se não cahiu no poço



(Clichés de A. C. Lima).

Exposição de solipedes na Tapada da Ajuda — Eguas apoldradas do sr. Palha Blanco



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Salto de banqueta pelo alferes Jára de Carvalho

como o astrologo da fabula, não deixou de pôr muita vez o pé em falso na prosa da vida.

— A vida! . . . dizia elle ás vezes com o tal sorriso maguado.

Devia ter-lhe sido outra coisa, devia. Era um velho agora, e ali estava vivendo na mesma trapeira a que subira pela primeira vez ao chegar da terra.

Não melhorára na vida. Era culpa das estrellas.

Lembrava-se da sua primeira paixão. A romantica noite que ali passára procurando no céu como vira n'um romance o querido nome de Adelia! Formou o *A* todo elle com astros de primeira grandeza; a inicial do nome d'ella, a letra mais querida, cravou-a no azul com pregos de ouro. Lá estava ainda, e como scintillava! Desenhou com certa difficuldade o *D* e o *E*. Para o *L* só teve a incerteza de qual d'elles era melhor; mas demorou se demais a procurar o pontinho do *I*. Nenhuma lhe servia; esperou que rompesse a estrella da manhã. E quando quiz fechar o nome com o *A* primoroso que escolhera, tapava-lh'o uma nuvem muito negra.

Tanto olhou para os astros, que a Adelia casou com outro.

Como passára rapido o tempo!

Ainda n'essa manhã a avistára na rua, velha, gorda, com cabellos brancos e uma sombra de buço. Causava-lhe ainda uma certa impressão; mas era apenas de saudades. Saudades dos sonhos, saudades até de suas penas. Sentira-se viver, depois sentira-se apenas descer para o tumulo. . . sempre com os olhos no céu.

Adelia! . . . Como era lindo, lindo, um encanto, o pequenino que ia com ella! As estrellas d'ouro não tinham raios mais bonitos do que os seus cabellos, nem tinha a lua um olhar de maior meiguice.

Seguiu-os quasi durante uma hora, mas era o pequeno quem lhe deslumbrava os olhos. Como era gracioso o mais simples de seus gestos, um volver de cabeça que lhe fazia voar os cabellos muito leves, o modo muito meigo com que apertava na mão pequenina os dedos carinhosos da avó!

Antonio! . . . Chamava-se Antonio. Ouvira-lhe o nome pronunciado pelos mesmos labios que lhe haviam feito juras d'um amor eterno. E seu coração ficára sosegado, muito sosegado, apenas enternecido por aquelle nome, Antonio! . . . Quem lhe dera ter ali o



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — O jury

Tenente-coronel Ilharco, tenente coronel Alfredo d'Albuquerque, Conde de Sabrosa, coronel Amorim, Manuel da Costa Pereira, general Honorato de Mendonça, tenente-coronel Fernando Tamagnini, Conde de Font'Alva, Conde de Figueiró, tenente-coronel José Lobo e Ruy d'Andrade
(Clichs de A. C. Lima).

pequenino e enche-o de beijos, de muitos beijos, e ensinar-lhe as estrellas.

Antonio! . . .

Olhou para o céu e viu o *A* de seus amores, purissimo, a luzir, a luzir. . .

Nem uma nuvem! . . . Que céu! Que noite aquella tão prodiga de ternura, que lhe enchia os olhos de lagrimas!

João da Camara.

Palavras d'alguns homens notaveis momentos antes da sua morte

VESPASIANO — imperador de Roma, pedindo aos que o rodeavam que o sentassem na cama:

— *Um imperador deve morrer de pé.*

ANNIBAL — general cartaginez, envenenando-se:

— *Láremos os romanos do terror que lhe causa um velho.*

NERO — imperador romano, hesitando em se suicidar:

— *Que artista o mundo vai perder!*

GREGORIO VII (papa) — obrigado a fugir de Roma, e morrendo de dor proximo de Napoles:

— *Amei a justiça e odiei a iniquidade, eis porque morro exilado!*



Concurso hyppico na Tapada da Ajuda — Salto de valia com agua pelo tenente André Avelino de Oliveira Reis no cavallo «Nero»

LUIZ XIV — aos seus camaristas, vendo-os chorar:

— *Por acaso me julgaram immortal?! Pensei que fosse mais difficil morrer.*

LUIZ XVI — no cadafalso:

— *Francezes! Morro innocente dos crimes de que me accusam, perdoo aos autores da minha morte e desejo que o meu sangue não recaia sobre a França.*

O CARDEAL DE RICHELIEU — ao seu confessor:

— *Nunca tive outros inimigos que não fossem os do Estado.*

O CARDEAL MAZBIN — a LUIZ XIV:

— *Sire — tudo vos devo, mas julgo ficar quite para comosco dando vos Colbert.*

MIRABEAU — ao seu creado no momento de morrer:

— *Ampara a minha cabeça, a mais forte da França.*

TALLEYRAND — a Luiz Filippe que o visitou nos ultimos momentos:

— *Sire — é a maior honra que a minha casa tem recebido.*

NELSON — almirante inglez, ferido mortalmente na batalha de Trafalgar:

— *Louvado seja Deus! Cumpri a minha missão.*

O MARECHAL NEY, um dos mais brilhantes generaes de Napoleão I, na occasião de ser fusilado:

— *Soldados! Direito ao coração.*

LAGNY — mathematico francez, respondendo ao seu collega Maupertuis que lhe perguntava, estando elle já na agonia, qual era o quadrado de 12:

— *Cento e quarenta e quatro!*

ANDRÉ CHENIER — condemnado á morte pelo tribunal revolucionario, ao seu amigo Roucher:

— *Nada fiz pela posteridade, levo commigo esta magoa para a sepultura e entretanto (batendo na testa) havia aqui dentro alguma cousa!*

HENRIQUE HEINE — poeta allemão, a um amigo:

— *Fica tranquillo; Deus perdoar-me ha, é o seu officio.*

Depois, estendendo-se com esforço, disse para sua mulher:

— *E' a pose da morte.*

ALFREDO DE MUSSET — escriptor francez que padecia de insomnias constantes, expirando:

— *Que boa cousa que é a tranquillidade! Dormir! Vou enfim dormir!*

Assumptos taurinos

A alternativa d'um milionario

Publicamos hoje dois instantaneos da alternativa de Vicente Segura em Madrid, que para este fim foram enviados ao nosso querido collaborador, sr. D. Jorge de Menezes, pelo illustre tenente do exercito hespanhol, sr. Francisco Villegas.

Vicente Segura é mexicano, é um *sportsman* na verdadeira acceção da palavra, e, segundo nos dizem, um homem riquissimo.

Começou a aprender a lidar touros bravos no Mexico com Antonio Montes, e depois da morte d'este tomou lições com Fuentes, que foi quem ha dias lhe concedeu a alternativa de *matador*.

Vicente Segura mostra-se muito á vontade, maneja o capote e a muleta com a maior elegancia, e na morte do touro apresenta-se com uma valentia e decisão raras, mesmo entre matadores com annos de carreira.

Não obstante a sua grande fortuna, Vicente Segura, em todas as corridas em que tomar parte em Hespanha, ganhará como qualquer simples toureiro, destinando porém para obras de caridade todos os lucros que obtiver.



As unhas nos povos orientaes

Como os povos occidentaes, teem os orientaes suas modas e n'ellas caprichos e irregularidades. Com uma unica differença: é que entre elles as modas nada teem que ver com o traje, que pouco varia, mas com os adornos e muito principalmente com os adornos naturaes como o cabelo, a barba, as unhas, etc.

Os chinezes, os siamezes, e outros povos orientaes preocupam-se mais com a opulencia das suas cabelleiras e escacez dos bigodes do que com a forma dos vestidos.

Os primeiros são considerados como dotes de raça, ao passo que os vestidos todos podem adquirir-os mediante um sacrificio pecuniario de maior ou menor importancia.

Por isso, sem que em absoluto despresem o luxo dos tecidos, o valor das joias, a consagração de titulos, honras e veneras, tem em muito maior consideração a abundancia do cabelo, a brancura dos dentes e a belleza das unhas.

As unhas, especialmente, são um signal de aristocracia e de distincção; é digno de reparo e esmero com que as tratam, os cuidados que empregam para conseguirem que assumam proporções extraordinarias. Em alguns paizes como Sião, China e Cochinchina, onde esta moda entre as classes elevadas, chega a tomar o caracter de verdadeira obsessão, pessoas ha que estadeam unhas de vinte e cinco polegadas de comprimento.

Esta moda serve para mostrar que os que as usam não precisam entregar-se a trabalhos manuaes. Mesmo que tenham de servir-se das mãos para certos misteres da vida, a longa extensão das unhas mostra que teem numerosos creados que a qualquer hora do dia ou da noite estão sempre promptos a cumprir as ordens do seu senhor.

Os homens não escrevem e as senhoras não se penteiam recoas de estragar as suas preciosissimas unhas.

Entre os siamezes e povos circumvisinhos, as unhas compridas são consideradas como signal de nobreza; correspondem ás arvores genealogicas da Europa. Sómente a aristocracia das unhas é uma instituição democratica.

Está ao alcance de qualquer que não queira trabalhar.

N'estes povos, os individuos das classes superiores não cortam nunca as unhas; apenas se algum caso fortuito os priva d'aquelle adorno, é que as apagam ligeiramente com a thesoura para que

cresçam bem. Em geral as unhas que deixam crescer são a do dedo medio, annular e minimo; se não medem mais de quatro a cinco polegadas são consideradas sem valor.

As unhas ao crescer mostram uma tendencia natural a curvarem-se para dentro e enquanto não adquirem grande comprimento parecem garras.

A que cresce mais rapidamente é a do dedo polegar; esta mostra logo do principio tendencia para tomar a forma de um espiral, e se não lhe corrigem essa tendencia toma a forma d'um perfeito sacca-rolhas.

Nem sempre os europeus em viagem pelo oriente terão occasião de acercar-se da aristocracia porque esta classe social mantem-se pouco accessivel, mas no theatro podem vel-a e observar esta particularidade.

Os actores e as actrizes siamezes apparecem com os dedos muito compridos por causa d'uns pequenos tubos de prata, ou outro qualquer metal em que guardam as unhas para as livrarem de um accidente fortuito que lh'as estrague ou lh'as parta.

Estes dedaes são muito usados na China, Sião e outros povos orientaes.

As pessoas mais ricas costumam usar estes canudos de ouro, e alguns até com incrustações de pedras preciosas.

Além de armas protectoras dos tão considerados esporões, os canuditos servem tambem de adorno, chegando alguns a ser finas obras de delicada joalheria.

Todos os livros escriptos pelos viajantes europeus que visitaram a China são unanimes em affirmar que não ha nenhum mandarin de importancia que não tenha meia duzia de polegadas de unha em cada dedo.

Os doutores, bachareis e sacerdotes de posição elevada distinguem-se tambem pelo desenvolvimento das unhas.

Os exemplares mais extraordinarios encontram-se nos ascetas chinezes. Entre estes o enorme comprimento das unhas serve para demonstrar que estão entregues a uma vida puramente contemplativa e por consequencia alheados de todos os trabalhos e miserias da vida.

Quando um homem tem a satisfação de possuir unhas de comprimento superior a dez polegadas, já pode fazer acreditar aos amigos e conhecidos que não se occupa em trabalhos manuaes.

Em quasi todos os povos do Este acontece o mesmo.

Quando pela posição social, ou por outra qualquer razão, um homem não pode deixar crescer todas as unhas, deixa pelo menos crescer uma, a do dedo minimo, como succede nas Philippinas, onde os empregados no commercio e os estudantes indigenas se mostram orgulhosos por ostentarem uma unha com varias polegadas de extensão.

Entre os fakirs da India que como é sabido são numerosos, ha muitos que, como promessa dictada pelo fanatismo, conservam sempre uma das mãos fechada; as unhas ao crescer vão penetrando nas carnes chegando a sahir pelas costas da mão.

Na Nubia tambem as unhas crescidas são um signal caracteristico da aristocracia.

Os nobres nubianos expõem a extremidade das unhas ao fogo da madeira de cedro para lhes apressar o crescimento e dar-lhes em pouco tempo a maior extensão possivel.

Nas ilhas Marquezas ha tambem este costume, mas acompanhado pela tatuagem.

Nenhuma parte do corpo fica isenta de pinturas; cara, peito, costas, mãos, pés, braços e pernas, tudo fica tatuado.

As mãos são ornadas com o mais minucioso cuidado; cada dedo tem um desenho especial, parecendo ás vezes calçados

Assumptos taurinos

A alternativa de Vicente Segura em Madrid. — O seu retrato

Entrando a matar. — Passando de muleta

(Clichés remittidos de Madrid para o Brasil-Portugal).

em luvas mirabolantes cujos dedos se tivessem cortado no alto para deixar sahir as unhas, que entre os indigenas são tambem um caracteristico de nobreza e distincção.

O duello Correia-Aguiar

Por causa d'umas criticas e d'umas cartas que, ácerca do concurso da «Taça Antonio Martins» vieram publicadas no *Diario de Noticias* e nos *Sports*, bateram-se á espada os srs. Fernando Correia e Eugenio d'Aguiar, ficando este ultimo ligeiramente ferido n'um braço.

Serviram de padrinhos os srs. Camillo Castello Branco e dr. Antonio Osorio por parte do sr. Fernando Correia e Henrique de Mendonça e Sebastião Heredia (Ribeira Brava) por parte do sr. Eugenio d'Aguiar. Os medicos foram os srs. dr. Miguel Horta e Costa por parte do primeiro e dr. João Paes de Vasconcellos por parte do segundo.

São d'este duello, que tantas discussões provocou no nosso meio de *sport*, os dois instantaneos que o «Brasil Portugal» hoje publica.



O duello Correia-Aguiar — Uma das phases do combate

O Casamento na Turquia

O casamento é uma das cerimoniaes que em todas as sociedades do mundo, desde as mais civilizadas ás mais barbaras, se apresenta mais rica de usanças veneraveis e de ritos complicados. Na Turquia essas usanças e esses ritos são particularmente pittorescos e originaes.

O joven turco, que deseja contrahir matrimonio, não tem o direito de escolher pessoalmente a noiva; quando mesmo tivesse, difficil lhe seria usar d'elle praticamente. Tanto as mulheres como as moças musulmanas occultam sob o *yildorma* (véo) e o *firadjé* (especie de tunica e capuz que cobre o busto e a cabeça) as suas feições e formas por modo tal que não é possivel distinguir uma hedionda octogenaria da mais deliciosa donzella de 18 annos.

N'estas condições, o candidato ao estado matrimonial confia-se cegamente ao gosto e ao faro de sua mãe e parentes do sexo feminino. Uma bella manhã estas apresentam-se em varias casas, onde sabem que ha moças casadoiras.

Para esta circumstancia solemne tomam o titulo de *jurudjis* (as que vêem). As *riz* (moças) desfilam diante d'ellas, servem-lhes café e aguardam, em silencio, que as visitantes emquanto absor-



O duello Correia-Aguiar — Os medicos e as testemunhas examinando o braço de Eugenio d'Aguiar

(Clichés de J. da Costa Amerim, amador).

vem, aos gollinhos, a bebida quente, a escalear, lhes examinem detalhadamente a graça e a belleza.

Quando uma *kiz* agrada ás *juradjis*, estas, sem demora, previnem a mãe e as expansões têm logar sem cerimonia. O noivo manda á noiva um par de brinços, um anel, um broche ou, mais modestamente um par de sapatos ou uma peça de fazenda, e recebe d'ella um presente do mesmo genero.

Sobre isto decorre um certo periodo. O contracto nupcial, pelo qual o marido reconhece á esposa uma dotação convencional, é redigido previamente e de commum accordo pelos paes e sancionado, em seguida, pelo *imam*.

No dia fixado o *imam* apresenta-se em casa da noiva e colloca-se atraz de uma porta:

— Fulana, filha de Fulano, pergunta elle, queres ser a mulher de Fulano, filho de Fulano?

— Quero, responde a moça.

O *imam* retira-se. Succede-lhe um amigo da familia e pergunta á noiva se consente em nomear o seu *vekil* (representante) para debater a dotação que lhe será reconhecida pelo noivo. Depois de elle veem duas testemunhas fazer-se confirmar como taes, mas sem nunca sairem de detraz da porta, afim de não violarem as leis do harem.

O debate sobre a dotação tem logar entre os *vekils* dos dois noivos, assistido cada um de duas testemunhas. Os seis personagens accorram-se sobre um tapete e começam a discutir a somma — discussão *pro forma*.

— De quanto deve ser a dotação? — interroga o *vekil* do noivo.

O *vekil* da noiva responde-lhe uma quantia elevada, visivelmente em desproporção com a somma inscrita ha muito tempo no contracto ante-nupcial.

— De mil libras turcas (14 contos).

— De mil *paras* (uma *para* vale tres réis).

— Oitocentas libras turcas!

— Cem piastras! (uma libra turca).

— Quinhentas!

— Dez libras!

E assim por diante. Quando se chega á somma preestabelecida faz-se o accôrdo. O *imam* então approxima-se e faz uma resa turca. Servem-se refrescos e amendoas.

Os assistentes são borrifados com agua de rosas. Antes de terminada a entrevista, um criado traz um braseiro para o meio da casa e deixa cair sobre os carvões ardentes algumas pitadas de incenso. Cada convidado ao sair aspira o fumo aromatico, pronunciando em voz alta as palavras *Allah monbarek syleyé!* (Deus conceda a sua benção).

A longa serie de festas começa depois do *nikah* ou casamento religioso.

O enxoval da noiva parte em grande pompa para a casa do espôso; ás costas dos carregões vão os bahus, os colchões, os moveis; outros levam cestos cheios de roupa branca. Atraz d'elles segue a turba das parentas e das visinhas. Algumas flautistas e tocadoras de pandeireta *tziganas* acompanham o prestito, fazendo ouvir musica discordante.

E' a cerimonia do *djéhas* (enxoval).

Note-se que até aqui só as *jurudjis* viram a desposada. A's outras parentas do noivo só será apresentada durante a festa do *tchengui*.

A casa da noiva enche-se então de convidados que, durante horas, se entregam ao delirio da dança.

As musicas *tziganas* raspam nos alaúdes e violoncellos e procedem nos intervallos ao competente peditorio.

Mas a cerimonia mais curiosa, a que outorga á noiva o caracter sagrado de espôsa, é a do *henné*.

Descreve-a assim M. P. Risal, auctor do artigo que estamos condensando:

«Designam-se duas casas para o *henné*. Os homens, isto é, os tios, os primos e os sobrinhos, com quem a mulher turca não observa o *harem*, reúnem-se n'uma d'ellas, em volta do pae; na outra a mãe agrupa todas as parentas e amigas.

A noiva dirige-se primeiro á casa dos homens e come pela ultima vez á mesa paterna. Servem-se pratos numerosos e os convivas fartam-se de *baklava* (bôlo nacional turco), de *kadaif* (aletria com manteiga e mel), de *kebah* (assado), de *hilaf*, etc., isto no meio de facecias das mais frescas.

Depois da refeição a noiva é acompanhada á casa das mulheres, que lhe untam os dedos pollegares dos pés e os calcanhares com *henné*.

Regressa em seguida á casa onde se acham reunidos os seus parentes masculinos e faz-se untar os dedos, a palma das mãos e as palpebras com a mesma substancia.



Assim se começa...

As danças e os cantos prolongam-se paralelamente nas duas casas até horas adiantadas da noite.

A *cochatina*, que precede a noite nupcial, reúne os parentes mais chegados dos dois nubentes. A noiva passa tres vezes por um arco.

Os homens presentes, armados de espadas aproximam-se de ella e fazem o gesto de ferir.

Estes accionados terríveis teem o condão de preservar do mau olhar a nova familia e de conjurar efficaçzmente todos os *djiris* (demonios) que experimentarem mais tarde o desejo de lhes ser nocivos.

Em seguida a esta pantomima, os pa-

rentes atiram á desposada mão-cheias de moedas de cobre.

Acode toda a turba de mendigos e de gaiatos que se atiram ao chão, á caça das moedas que os mais ageis apanham naturalmente.

A' *cochatina* segue-se o *selaf*, que sempre cae em uma sexta-feira.

A noiva, com um toucado de oiro na cabeça, penetra no domicilio conjugal estando ausente o marido, que só regressará ao pôr do sol, depois de haver feito as suas devoções vesperaes na mesquita.

Chega escoltado pelos convidados; quando se dispõe a transpôr o limiar da sua residencia, recebe de um modo singular a investidura da auctoridade marital.

Um dos parentes aproxima-se d'elle e bate-lhe tres pancadas nas costas; os assistentes atiram-lhe moedas de prata para lhe augurar prosperidade e esquivem-se discretamente para o deixar a sós com a sua espôsa, cujo rosto elle ainda não viu!

Serve-se no quarto nupcial e sobre uma mesa minuscua um jantar que se compõe principalmente de dois pombos assados, um macho e uma femea, symbolo da felicidade e da affeição conjugaes.

A espôsa deixa então que o espôso lhe tire o véo e recebe o premio da sua docilidade sob a forma de uma joia de valôr; mas não diz palavra.

Ha alguns annos, devia observar mutismo absoluto durante um mez.

Actualmente, porém, é-lhe licito fallar na propria noite do *selaf*.

Terminam assim as cerimoniaes.

A união dura quanto tempo Allah o permite e a vontade de Allah só se manifesta pelo capricho do marido, a quem bastará proferir as palavras fatidicas *Bochaldim! bochaldim!* (repudio-a) para se libertar *in-continente* da espôsa que deixou de lhe agradar.

Poderá depois d'isso fazer nova escolha, recorrendo de novo ás *jurudjis*, que recommearão as suas diligencias tanto mais gostosamente quanto por ellas recebem salarios e presentes.

TAVIRA

As gravuras que hoje inserimos representam aspectos da pittoresca cidade algarvia, cuja origem se perde na noite dos tempos, e a que menos recordações historicas encerra. Alguns historiadores suppoem que ella fosse a antiga Balsa dos romanos, o que não está provado. A mesma origem attribue á actual Quarteira (antigamente Cartêa).

Tavira resistiu durante longo tempo ao cerco que lhe estabeleceram os lusos, rendendo-se por fim os moiros a D. Paio Peres Correia em 1242. D. Affonso III deu-lhe foral concedendo-lhe muitos privilegios. D. Diniz reparou o velho castello moirisco e cerca de tres seculos depois (em 1504) D. Manuel deu-lhe novo foral. Tavira tinha voto em côrtes com assento no 2º banco.

As armas da cidade, de que publicamos uma gravura representam uma ponte entre duas torres sobre o mar em que se vê um navio á vela.

As antigas fortificações moiriscas desapareceram por com-

pleto ficando apenas de pé o velho castello. Ha cerca de quinze annos existia ainda uma torre á entrada da ponte que atravessa a ria, e hoje nem vestigios restam d'esse monumento tosco, mas que era como que uma pagina da velha historia da terra.

O monumento mais antigo é a igreja de Santa Maria, digno de nota. O hospital do Espirito Santo, hoje de S. José, foi fundado em 1442.

Pela sua situação Tavira é uma das cidades mais graciosamente garridas da provincia. Uma ria divide-a em duas que se communicam por uma ponte de sete arcos, solidamente construida. Em tempos idos foi florescente e no seu porto desafogado entravam navios de alto bordo. Mas as areias movediças fizeram da barra um como que corredor estreito que mal permite o ingresso a embarcações pequenas.

D'ahi a paralysação do commercio e o seu estacionamento.

Ainda sobre a fundação de Tavira pretendem outros auctores





As armas de Tavira

que ella foi começada pelo rei Brigo (?) e que o seu nome fôra primitivamente *Talabriga*, que, de corrupção em corrupção se transformou em Tavira.

A cidade demora a cinco leguas de Faro, e a quatro de Villa Real de Santo Antonio, hoje o primeiro porto do Algarve em movimento.

Tavira, como de resto toda a provincia, viveu sempre modestamente ignorada. O estabelecimento da linha ferrea que a serve tornou-a mais conhecida dos *touristes* e dos lisboetas que enfim começam a ser atraídos pela amenidade do clima e pelas bellezas naturaes da extensa região que vae da serra de Monchique aos plainos do Guadiana.

O macho do tio Gregorio

O tio Gregorio, almocreve de Arcozello, uma pequena freguezia de Ponte de Lima, tinha um macho levado da breca, bravo como um toiro, ardego, intratavel.

Paulada e mais paulada, mas nem assim mesmo conseguira fazer nada d'elle.

A besta era manhosa, e quando o almocreve se aproximava d'elle era coice que fervia.

— Nada, não ha remedio senão pô-lo com dono! — disse um dia o tio Gregorio.

— Hum! quem é que t'o compra? — ponderou-lhe a mulher.

— Quem m'o compra? Tu verás.

Foi á venda proxima e trouxe para casa uma garrafa de aguardente.

No dia immediato havia feira.

Pela manhã aproximou-se do macho e agarrando-lhe o focinho para elle não morder, disse á mulher que deitasse uns pingos de aguardente dentro do ouvido da alimaria.

A mulher assim fez, e como por encanto o demonio do macho socegou.

O almocreve limpou-o, penteou-o e o macho ficou manso como um cordeiro.

Animado por esse principio, montou n'elle e o macho, que nunca tal consentira, permittiu-lhe n'essa manhã essa liberdade, com uma condescendencia amabilissima.

O tio Gregorio chegou-lhe as esporas e o macho metten a trote como o mais bem ensinado de cavallaria!

Chegou á feira e o almocreve achou logo comprador para a sua cavalgadura.

— Quanto quer por esse macho?

— Dez moedas.

— Deixe primeiro experimental-o.



TAVIRA — Portico da Misericórdia

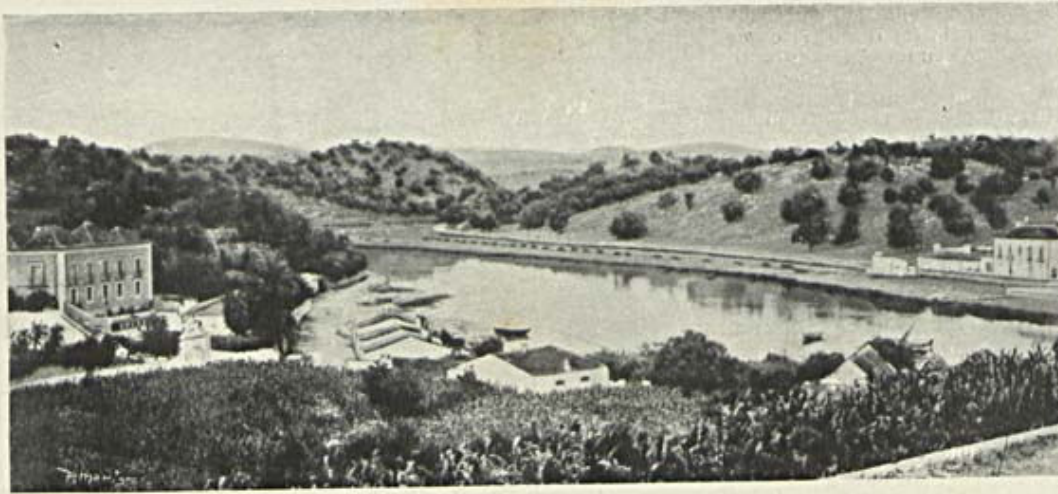
— Pois não, — condescendeu logo o tio Gregorio, tratando de se apeiar.

O outro montou o macho.

A mesma doçura, a mesma humildade, a mesma obediencia á redea.



TAVIRA — A praça



TAVIRA — Ria da Asseca

— Prompto, aqui estão as dez moedas.

E o tio Gregorio veio para casa contente.

— Então vendeu-se ou não se vendeu? — perguntou elle, triumpante, a sua mulher, fazendo tilintar o dinheirinho tão bem ganho com a sua espertesa.

E n'essa noite adormeceu, fazendo os seus planos.

— Agora compro outro macho, mas esse hom, seguro, com este dinheiro, ou com menos ainda...

Entretanto o pobre diabo que comprou o macho do tio Gregorio montou n'elle e seguiu para Vianna.

Até meio da estrada foi a coisa muito bem; mas depois a bebedeira de aguardente foi passando e, de repente, quando mal se precitava, o cavalleiro achava-se estatelado no chão.

Levantou-se atordoado, vae para montar o macho, mas qual historia!

Era coice que até o sol se escondeu mais depressa no oceano, com medo de ver as estrellas com alguns.

Foi uma novena para poder levar o diabo do macho para Vianna.

— Isto talvez lhe passe, — dizia o novo dono para se poder consolar.

Mas qual passou, nem meio passou!

No dia immediato, na cavallariça era coice para a direita, dentada para a esquerda, que o pobre homem chegou a imaginar que aquillo fosse algum leão mascarado de macho de algum almocreve.

— Sim senhor, fui logrado como aquelles que o são! — confessou elle sem vaidade. — Cahi como um pato! Mas deixa estar!

E n'este *deixa estar* havia uma ameaça.

O outro dia de feira chegou.

O homem tratou primeiro que tudo, de applicar ás orelhas do animal a ração de aguardente que o ferrador seu visinho lhe explicára dever ter sido o processo usado para o embaçar.

— Quem com aguardente mata, com aguardente morre, — resmungava elle, embebedando o macho.

O animal, apenas teve a sua conta da bebida espirituosa, amansou logo como já era seu costume.

O homem levou-o então ao ferrador, mandou-lhe cortar a cauda, aparar a crina, penteal-o de outro modo, ferrál-o, e depois d'esta *toilette* o macho parecia inteiramente outro.

— Bom! — disse o homem satisfeito; e chamando um seu creado que conhecia muito bem o almocreve de Arcozello, disse-lhe:

— Tu vaes com o macho á feira de Ponte de Lima e trataes de o metter bem á cara do Gregorio de Arcozello. Se lh'o venderes por mais de dez moedas, tudo o que fôr a mais é para ti.

A tarde o creado appareceu-lhe em casa, nadando em alegria; tinha vendido o macho ao tio Gregorio por doze moedas; isto é, tinha ganho n'um abrir e fechar d'olhos, 9\$600 réis!

O tio Gregorio chegou a casa satisfeitissimo com o seu novo macho.

— Isto é que é animal! — dizia elle mostrando-o a sua mulher. — Custou-me doze moedas, mas vale-as bem! E' uma estampa!

— Ó Gregorio! Olha que este era o nosso macho! E' o mesmo, é!

— Estás doida, mulher! — respondeu o Gregorio, rindo muito; — então este é o mesmo!

E deitou-se satisfeitissimo com a sua compra.

No dia seguinte, apenas se levantou, foi tratar do seu macho, mas ao aproximar-se d'elle apanhou logo um coice.

— Ó mulher! é o mesmo! Bem dizias tu! Reconheci o agora! E' o mesmo!

E era por isso que os rapazes e as raparigas da terra troçavam com o tio Gregorio.

Gervasio Lobato.

Eu, de mim, creio que Deus, auctor das angustias d'alma e corpo, deve ter creado tambem algum anodyno que as mitigue. E se não é oração, que ha de ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morphina, a cocaina, a belladonna, os anesthesicos; para as agonias do espirito, o linimento balsamico da oração, a esperanza do remedio extra-terrestre, a confiança n'uma alta potencia moderadora dos castigos inflingidos pela sua divina lei. Os anesthesicos, a fricção da therebentina, as injeções hypodermicas, ás vezes, são inefficazes como as orações. Não importa. O desgraçado rese e friccionase sempre. Appelle para Deus da propria pharmacologia; e quando as injustiças crueis d'este planeta o acalcharem, vá perdoando sempre aos seus devedores, não preferindo antes executal-os — para que Deus Nosso Senhor lhe perdôe... a desgraça de ter nascido. Mas, se ha ahí desamparado que nenhum allivio experimentou orando, antes de negar a existencia de Deus, procure-o. Vá sósinho. Suba aos espigões das montanhas, ou desça aos reconcavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-o ahí, e espere-o. O mais efficaz narcotico para um cerebro convulsionado é a solidão. Quando se sentir penetrado d'uma serenidade humilde e reportada como a paciencia, ahí está Deus.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Proverbios inglezes

A corôa não cura a dôr de cabeça.

As cruces são escadas que levam ao ceu.

Nada fazer é fazer mal.

Sobram as culpas onde falta o amor.

Gasta e dá — Deus mandará.

Dos maus costumes nascem as boas leis.

Deus visita-nos sem bater á porta.

Boas palavras custam pouco e valem muito.



TAVIRA — Capella de Santo Antonio